GT 046. Música, Som e Formas Expressivas Wagner Neves Diniz Chaves (Departamento de Antropologia Cultural/UFRJ) - Coordenador/a, João Miguel Manzolillo Sautchuk (DAN/UNB) -

COOrdenador/a Expressiva, comunicacional e performativa, aglutinadora de m?ltiplos conhecimentos, significados e agenciamentos, a m?sica ? um campo f?rtil para investiga??o antropol?gica de um conjunto de temas e quest?es, possibilitando o di?logo entre diferentes nichos dos debates antropol?gicos, tais quais etnomusicologia, etnologia ind?gena, cultura popular, patrim?nio, antropologia urbana, antropologia do Estado e an?lise de rituais e performances. Apostando na relativiza??o da no??o de ?m?sica? como categoria anal?tica e partindo da supera??o do antigo dilema que apartava an?lise dos aspectos sonoros e interpreta??o dos sistemas de pensamento e a??o, este Grupo de Trabalho volta a aten??o para as conex?es entre m?ltiplos aspectos das pr?ticas musicais e produ?es sonoras e seus significados sociais, principalmente as rela?es da ?m?sica? com outros meios expressivos e pr?ticas sociais, e as dimens?es t?cnicas e pr?ticas do fazer musical. Tendo em vista esta perspectiva geral, pretende-se explorar os seguintes eixos tem?ticos: 1) m?sica e linguagem; 2) intera??o no fazer musical; 3) teorias musicais nativas; 4) m?sica, ritual e performance; 5) media??o, apropria??o e identidade; 6) grava??o, representa??o fonogr?fica e arquivos; 7) paisagem sonora.

O Nove e o princípio do mundo: o canto como conversa (des)medida

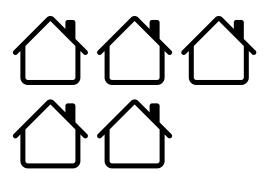
Autoria: Valéria Cristina de Paula Martins

O Nove, evento cinético-musical realizado tradicionalmente no Médio Jeguitinhonha, é marcado pela poesia cantada e abarca uma série de danças coletivas que são embaladas por cantigas e versos entoados especialmente por cantadores e cantadeiras, com participação daqueles/as que integram estas brincadeiras de viola. Os agricultores que habitam as imediações do córrego do Machado, naquela região, e que performam o Nove, atuando como cantadores e cantadeiras, concebem-no como um brinquedo associado ao princípio do mundo, tempo repleto de encantos, feitiços, transformação de mortos em bichos e outros fenômenos. Os que habitavam o mundo, então, eram dotados da capacidade da fala, como atestam uma série de histórias que ouvi em campo, envolvendo entidades divinas e diabólicas, corpos celestes e animais, além de pessoas (em geral agricultores), cujas interações determinaram uma série de traços do mundo atual. Em uma noite de Nove, uma série de preceitos devem ser observados em relação ao canto e à ocupação de posições sonoras específicas, a partir das quais o canto é assimilado à fala: ?Eu falo a requinta [ou a primeira, a segunda, o contrato]?, afirma um cantador. De forma geral, pode-se dizer que há expectativas em relação ao falar/cantar/calar, cuidando-se para que cada um possa falar/cantar/calar em uma medida adeguada, a partir de um lugar (sonoro/social) específico. Na etnografia do Nove, tomo-o a partir das concepções cosmoreligiosas dos cantores, em sua associação ao princípio dos tempos, procurando então perceber conexões entre essa caracterização e alguns dos aspectos formais dele, como o dispositivo de alternância do canto entre os cantores. Sugiro, por fim, que a espécie de conversa que se estabelece no âmbito do Nove acaba por atualizar o tempo em que todos podiam conversar: o princípio do mundo.

Realização:



Apoio:



Organização:

